

Renegociando o espaço: uma reflexão crítica acerca dos papéis sociais de gênero na improvisação cênica em dança

Palavras-Chave: Dança e gênero; Improvisação cênica; Mulheres na dança

Autores(as):

Beatriz de Oliveira Amorim, IA - UNICAMP

Prof.^a. Dr.^a. Silvia Geraldi (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O estímulo para esse projeto de pesquisa se deu, a princípio, a partir de reflexões acerca das relações de poder sobre gênero na vida e na dança e, posteriormente, com enfoque no cenário nacional da improvisação cênica enquanto linguagem. Considera-se aqui a "improvisação como linguagem", "improvisação instantânea" ou, mais usualmente, a "composição em tempo real" - algumas das terminologias utilizadas para nomear esse campo de pesquisa e criação - como sendo a própria dança, isto é, a produção de linguagem no presente da cena, compondo em tempo real a narrativa da dança que se assiste, conceito bastante desenvolvido por João Fiadeiro (2008) e por outras/os/es artistas e pesquisadoras/es da cena nacional e internacional que se utilizam da improvisação enquanto cena artística (Ramos; Da Silva; Vieira, 2019; Mundim; Meyer; Weber, 2013; Stuart, 1997; Guerrero, 2008).

Aqui, a palavra "gênero" representa papéis sociais atribuídos a homens, mulheres¹ e pessoas alinhadas à não-binariedade, que ditam a experiência de cada um/a/e em sociedade, podendo ou não serem transgredidos por vivências dissidentes, fora da lógica dominante cis-heteronormativa. Fui incentivada pela necessidade de compreender como essas relações ditam a construção de diferentes modos de fazer dança, particularmente a partir do século XX, desde a década de 1960 até a contemporaneidade, visto que a cena ocidental da dança, nesse período, passou por diversas transformações, sobretudo em resposta à consolidação da dança moderna, que proporcionou às mulheres a oportunidade de afirmarem, como artistas e mulheres, sua independência face aos convencionalismos (Assis; Saraiva, 2013).

Muito cedo, me deparei com a hierarquia que os papéis sociais de gênero estabelecem, antes mesmo de compreender o conceito da palavra. Assim, ao iniciar a graduação, o questionamento acerca do tema se manteve e novos surgiram. Considerando que a improvisação cênica em dança demanda uma abertura da sensibilidade para o estabelecimento de relação com o outro e com o entorno que circunda a

¹ Neste resumo, são considerados homens e mulheres trans e cisgênero, reconhecendo que, de acordo com o período citado em cada referência, a presença de pessoas trans pode não estar sendo considerada.

experiência (Ramos; Da Silva, 2015), é possível notar a intensa e constante conversação entre dança e política:

Assim, entendemos a improvisação como um espaço de tomada de posição política, como um modo de descentralizar o poder na dança, de destituir-se de poder, de compartilhar as tomadas de decisão, de organizar a criatividade, de responder prontamente a partir da percepção e relação com o meio, com o presente, com as pessoas presentes (Ramos; Da Silva, 2015, p. 144).

Contemplando essa intersecção entre reflexões feitas dentro e fora de sala de aula, assim como a perspectiva de pensar a improvisação como ato político, é que a pesquisa foi desenvolvida.

METODOLOGIA:

A pesquisa tem como tema o estudo da representação e subversão dos papéis sociais de gênero que se refletem na improvisação cênica na dança ocidental. Tendo como recorte o período compreendido entre os anos 1960/70 até os dias atuais, com enfoque crescente no contexto nacional, foi realizado um levantamento bibliográfico seguido de análise crítica e reflexão sobre a improvisação em tempo real para a cena, considerando as relações de poder sobre gênero a partir de referências históricas e estéticas.



Figura 1: Dudude Herrmann em apresentação de dança (2020)

Paralelamente, a partir de uma pesquisa videográfica, assisti a espetáculos e performances de variados grupos e artistas que têm a improvisação como linguagem, incluindo das mulheres improvisadoras que pretendia entrevistar. Participei também de workshops de improvisação que engrandeceram, na prática, a experiência de pesquisá-la. Após isso, cumpri com um conjunto de entrevistas com três artistas mulheres que compõem a cena brasileira no campo da improvisação como linguagem: 1) Dudude Herrmann(MG), reconhecida artista mineira que estuda a improvisação e trabalha com a Dança Contemporânea desde os anos 1970; 2) Isabel (Tica) Lemos (SP), co-fundadora da *Cia Nova Dança 4* e umas das pioneiras do Contato-Improvisação no Brasil; e 3) Dresler Aguilera (SP), experiente intérprete-criadora do *Núcleo Improvisação em Contato*. Como metodologia, a pesquisa realizou um cotejamento entre os diferentes materiais, buscando articular o referencial teórico com as entrevistas e apreciações em vídeo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Compreender o recorte escolhido da história da dança, possibilitou o questionamento de noções que habitam o imaginário popular em contraponto com a realidade: Quão verdadeira é a afirmação “dança é coisa de menina”? De quais danças estamos falando? A quais meninas nos referimos? Por que, em diversos contextos de dança, mulheres seguem sendo desvalorizadas e ocultas da história, se dança é “coisa de menina”? Essa e outras questões foram levantadas também ao longo das entrevistas com as

artistas da dança Dudude Herrmann, Tica Lemos e Dresler Aguilera, três figuras que movimentam o cenário cultural brasileiro.

As entrevistas, embora tratassem de um assunto em comum, tomaram rumos distintos a partir do



Figura 2: Dresler Aguilera praticando Contato Improvisação

roteiro semiestruturado e a liberdade que ele possibilitou às artistas de abordar questões latentes para cada uma. A partir das reflexões de Dresler, observei que o ambiente de trabalho é um espaço de revelação de como operam os papéis sociais de gênero no dia a dia, visto que mulheres, por vezes, não se sentem preparadas o suficiente para se colocarem na posição de professoras, coreógrafas e/ou diretoras, enquanto homens, com o mesmo ou menos tempo de estudo, já estão se inserindo na cena e atuando em diversas funções.

É uma coisa assim, quase como se eu estivesse lá para avaliar, como se os alunos estivessem lá para avaliar a aula. Não é sempre, tá, também. É uma pessoa ou outra que eu tive essa sensação, sabe? É algo quase que inconsciente, especulação minha? Com certeza. Mas não tem como eu fugir disso sendo uma mulher, passando por esse lugar de dar aula também, e às vezes me sentir assim: cara, eu não posso errar, eu não posso errar na minha aula, eu não posso deixar que as pessoas me vejam vulnerável, eu não posso deixar que as pessoas vejam que eu não sei isso... sei lá (Aguilera, 2024)².

Além disso, apesar da dança carregar consigo valores culturais e morais construídos sobre o feminino e o masculino (Andreoli; Canelhas, 2019), a linguagem da improvisação permite experimentações que desafiam a lógica cis-heteronormativa instituída. Tica Lemos, durante a entrevista, revelou que a improvisação foi para ela um ambiente de exploração de máscaras, onde poderia se desprender dos papéis pré-estabelecidos a si, enquanto mulher, e pesquisar possibilidades diversas que não somente a de uma dança generificada e generificante (Andreoli, 2018). Não apenas explorando papéis distintos aos que lhe foram atribuídos, Tica também tomou a liberdade de pesquisar a máscara de ser mulher em cena, enquanto alguém que desafiava a própria identidade, sobretudo desviando-se de comportamentos heteronormativos e feminilizados.



Figura 3: Isabel Tica Lemos em cena

Como é livre a expressão na improvisação, eu ando pelo mundo usando todo o meu estudo de dança, e quando vou para o palco, uso toda a minha experiência cotidiana também. Apesar de que, por exemplo, não estou indo para a cena somente como sendo a personagem: Isabel Tica. Sou eu, mas você pode também usar as máscaras livremente, eu gosto das máscaras. A cena também propicia, então tem um jogo bonito ali, de filtros, que você pode usar ou tirar quando quer (Lemos, 2024)³.

² Entrevista de pesquisa concedida em 27 de maio de 2024, através de videochamada.

³ Entrevista de pesquisa concedida em 22 de maio de 2024, através de videochamada.

Dudude Herrmann, em sua entrevista, se mostra mais focada na “vida como um todo”, mas afirma que assuntos correlatos sempre fazem parte de suas criações. Sobre a reverberação de papéis sociais na improvisação em dança, diz: “Não há tempo para entrar no campo social, todos ali somos mais um e todos somos importantes... no espaço não há hierarquia porque simplesmente Tudo é importante!” (Herrmann, 2024)⁴.

A partir das entrevistas, pude observar a pluralidade de opiniões sobre o mesmo assunto e a importância de dar voz a essas potências da dança para que pudéssemos abrir e fomentar o debate, dessa vez, tendo a escolha de que as vozes ouvidas fossem de mulheres improvisadoras.

CONCLUSÕES:

A realização das entrevistas possibilitou o conhecimento de diversos modos de pensar os papéis sociais de gênero e sua atuação no campo da improvisação em dança. Cada vez mais, o debate extrapola o binarismo *homem/masculino x mulher/feminino* e abre espaço para vivências dissidentes que outrora seriam existências desconsideradas. Assim, mesmo sabendo da atuação institucionalizada da misoginia, não é possível abordar a discussão sobre gênero sem considerar outros fatores sociais, como: classe, raça e sexualidade. Seja no campo do ensino da improvisação, da direção ou da própria presença em cena, o desafio dos limites de papéis sociais subverte não apenas poética, mas também politicamente, noções estabelecidas sobre representações hegemônicas de gênero (Andreoli, 2018).

Com a leitura do livro de Diego Pizarro (2022), percebi que temas como o gênero são incontornáveis em danças que trazem a improvisação enquanto linguagem, como o Contato Improvisação que, com uma dramaturgia da presença, não nega a identidade da/o artista em cena. A improvisação em dança possui a característica de exigir a percepção de si, da/o outra/o e do espaço, fazendo com que a/o artista se depare com diferenças e atritos. Na série *Dança Contemporânea*, da plataforma SESC TV, Maria Paula Costa Rêgo (Rêgo, 2011, 01min12s) questiona: “O cerne do movimento é artístico e é político... diante de tanta discrepância, de tanta diferença entre os homens, o que é que a gente faz?”.

“O que é que a gente faz?”, como indagado pela artista é, acredito, uma pergunta inevitável na discussão sobre papéis sociais de gênero na dança. Com diversas transformações culturais, a cena de improvisação dialoga constantemente com artistas cuja existência, por si só, questiona normas de gênero, sexualidade, raça e sociais. Desse modo, no momento da própria cena, artistas se deparam com a necessidade de tomada de decisões sobre o que fazer e isso pode implicar na manutenção ou subversão de papéis de gênero.

⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 03 de junho de 2024, através de e-mail. Busquei manter o texto conforme originalmente grafado pela artista em sua resposta.

Dudude Herrmann, Tica Lemos e Dresler Aguilera, assim como outras artistas citadas neste resumo, trouxeram para a pesquisa a rica diversidade de visões sobre o tema central. Assim, reconheço a importância de ouvir e ler mulheres que estão constantemente nutrindo a cena de improvisação brasileira e que, assim como outros grupos minoritários, não possuem o merecido reconhecimento ou prestígio, em comparação aos seus pares homens neste mesmo contexto. Reitero, então, a potência da improvisação como linguagem de dança, que é capaz de fortalecer micropoderes e garantir autonomia ao desejo de criação (Ramos, J. S.; Da Silva, P. C. V., 2015), abrindo inúmeras possibilidades para a subversão de papéis sociais de gênero.

BIBLIOGRAFIA

ANDREOLI, Giuliano Souza; CANELHAS, Larissa. A DANÇA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO SOBRE A INTERAÇÃO ENTRE MENINOS E MENINAS EM UMA AULA DE DANÇA. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 37, n. 37, p. p. 375–394, 2019. DOI: 10.19179/2319-0868.660. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/660>. Acesso em: 09 jul. 2024.

_____. **Dança, gênero e sexualidade: narrativas e performances**. Beau Bassin, Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

ASSIS, M. D. P. de; SARAIVA, M. do C. O FEMININO E O MASCULINO NA DANÇA: DAS ORIGENS DO BALÉ À CONTEMPORANEIDADE. **Movimento**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 303–323, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.29077. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29077>. Acesso em: 29 set. 2023.

FIADEIRO, João. Composição em tempo real. **La Porta BCN**, jun. 2008. Disponível em: [http://laportabcn.com/sites/default/files/COMPOSI%C3%87%C3%83O%20EM%20TEMPO%20REAL%20por%20Jo%C3%A3o%20Fiadeiro%20\(port\).pdf](http://laportabcn.com/sites/default/files/COMPOSI%C3%87%C3%83O%20EM%20TEMPO%20REAL%20por%20Jo%C3%A3o%20Fiadeiro%20(port).pdf). Acesso em: 01 maio 2023.

GUERRERO, Mara Francischini. Formas de improvisação em dança. In: V Congresso da ABRACE, 2008, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1253>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MUNDIM, A. R.; MEYER, S.; WEBER, S. A composição em tempo real como estratégia inventiva. **Cena**, [S. l.], n. 13, 2013. DOI: 10.22456/2236-3254.42090. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/42090>. Acesso em: 13 maio 2023.

PIZARRO, Diego. **Contato-Improvisação no Brasil: trajetórias, diálogos e práticas**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2022.

RÊGO, Maria Paula Costa. **Castanho Sua Cor**. SESC TV: Programas e Séries. São Paulo, abr. 2011. Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/dancacontemporanea/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

RAMOS, J. S.; DA SILVA, P. C. V. A improvisação em dança como ato político. **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2015. DOI: 10.14393/RR-v2n2a2015-11. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/32463>. Acesso em: 13 maio 2023.

RAMOS, J. S. R.; CHAVARELLI VILELA DA SILVA, P.; ARAÚJO VIEIRA, M. Composição em tempo real: processos investigativos e criativos na dança contemporânea. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 308–322, 2019. DOI: 10.14393/OUV-v15n2a2019-49256. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/49256>. Acesso em: 13 maio 2023.

STUART, Izabel. A experiência do Judson Church Theater. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia. (org.). **Lições de Dança 1**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1997. p. 191-204.